

ESPERANÇA TEIMOSA EM *MORTE E VIDA SEVERINA*, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Eli Brandão da Silva¹

RESUMO

Neste artigo faz-se uma leitura da obra poética **MORTE E VIDA SEVERINA: AUTO DE NATAL PERNAMBUCANO**, de João Cabral de Melo Neto, perspectivando o relato do nascimento do severino no poema cabralino como palimpsesto do Jesus das narrativas dos Evangelhos, como revelação poético-teológica da esperança que abafa o desespero, como amostra da complexa relação entre literatura e teologia: entre texto literário e texto teológico, entre linguagem poética e linguagem teológica, entre símbolo e metáfora.

Palavras-chave: Literatura, teologia, esperança, evangelhos, metáfora

Ensaando entrar no texto

O texto é como uma partitura musical e o leitor como o maestro que segue as instruções da notação.(...) compreender não é apenas repetir o evento do discurso num evento semelhante, é gerar um novo acontecimento, que começa com o texto em que o evento inicial se objetou (RICOEUR, 1995, p.121).

No atual contexto dos Interculturais, constatamos crescente produção de trabalhos compreendendo inter-relações entre diversos saberes, textos e discursos presentes no seio das culturas. Destacamos, dentre outras, a questão das fronteiras entre textos literários e não-literários e a relação entre teologia e outros saberes, com destaque nos últimos anos para estudos rigorosamente acadêmicos sobre as relações literatura e teologia. É no contexto deste mais específico debate que o presente trabalho concentra o seu foco, empreendendo leitura da obra **MORTE E VIDA SEVERINA: AUTO DE NATAL PERNAMBUCANO**, de João Cabral de Melo Neto.

O poema cabralino possui uma divisão interna que apresenta 18 cortes que antecipam o curso da narrativa. Destacando o Auto de Natal propriamente dito do

¹ Doutor em Ciências da Religião (UMESP-SP), professor Titular da Universidade Estadual da Paraíba, Mestrado em Literatura e Interculturalidade, email: elibrandao.uepb@gmail.com

restante da obra, restam 12 cortes, simetricamente atualizados por seis monólogos e seis cenas, dispostos alternadamente. No primeiro monólogo, Severino retirante faz sua auto-apresentação e nos demais medita sobre as cenas que se lhe apresentam. A narrativa segue linearmente, alternando monólogos / cenas, constituindo a tensão dramática, que, progressivamente, vai se condensando até o clímax, momento em que há uma interrupção da narrativa e o Auto de Natal é encaixado. É neste particular momento da narrativa que concentramos o foco deste trabalho.

O tecido-obra-objeto em estudo reclama método de leitura compatível com sua complexa e híbrida configuração. Por isso, o caminho proposto reflete também complexa convergência engendrada no interior do poema, cuja dinâmica representa o próprio objeto funcionando.

Ler textos teológicos ou literários requer sempre um exercício de duplo fôlego: análise e interpretação. A leitura aqui proposta se constrói amalgamando contribuições da teoria da transtextualidade² de Genette (1982) e da semântica discursiva de Maingueneau (1989), conjugadas na esteira da teoria da interpretação de Ricoeur (1995). Não será, portanto, uma leitura rigorosamente transtextual, pois possui degrau semântico-discursivo e hermenêutico. Mas pode ser entendida como espécie de hermenêutica transtexto-discursiva. Associar dois ou mais textos ou reconhecer relação contratual implica pré-conhecimento dos textos envolvidos. Neste sentido, diz-se que “o leitor que partilha da cultura do autor tem, necessariamente, um intertexto mais rico” (RIFFATERE, 1989, p41). De modo que a leitura ou reescritura de um auto de natal, necessariamente, evoca os seus textos fundantes, os Evangelhos. Prosseguimos, então,

² Em **Palimpsestes**, Genette define a transtextualidade como tudo o que coloca um texto em relação manifesta ou secreta com outros textos e distingue cinco modalidades específicas de diálogo transtextual, que, ao mesmo tempo, são aspectos de toda textualidade. Ele enumera os tipos numa ordem crescente de abstração, de implicação e de globalidade: Intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e a arquitekstualidade.

na convicção de que “a obra pode ser concebida e julgada do ponto de vista de qualquer dos valores nela contidos” (MUKARÓVSKY, 1981, pp.128,169,170).

Por interpretação, entende-se na esteira de Ricoeur (1995) a polaridade explicação /compreensão numa “dialética complexa e altamente mediada”, que se refere a duas fases de um único processo. Primeiro por meio de movimento da compreensão para a explicação e, segundo, numa inversão, da explicação para a compreensão. Inicialmente, a compreensão é uma conjectura, captação ingênua, porém não completamente arbitrária, do sentido do texto como um todo. O segundo momento é explicação da estrutura, que tem em vista mais rica compreensão. A explicação percorre ambiente semântico e semiótico-literário e operacionaliza-se por meio de procedimentos interdiscursivos e hipertextuais. O terceiro momento, apoiado em procedimentos explicativos, busca modo mais sofisticado de compreensão que remeta à vida, à aplicação, como resultado de certa apropriação, como resposta à distanciação efetivada pela objetivação do texto.

Seguimos, assim, Ricoeur (1997, p.296), quando diz que uma hermenêutica literária deve assumir, tríplice tarefa: compreender, explicar e aplicar, à semelhança da aplicação da pregação após exegese bíblica, do veredicto após exegese jurídica. Leitura, então, em três etapas: conjectura; análise; e aplicação.

Paratexto³ tagarela

O deus, cujo oráculo está em Delfos,
não oculta nem revela: ele indica.
(Heráclito)

Só se deve entrar no texto através dele mesmo. Aqui, a porta será o título e o subtítulo da obra, pois estes elementos ostensivos funcionam como chave de acesso

³ Segundo tipo de transcendência textual do texto da teoria da transtextualidade de Genette. Dentre eles: o título, o subtítulo, intertítulo, prefácios, posfácios, avisos, notas marginais, epígrafes, ilustrações, além de outros sinais acessórios que asseguram ao texto um envolvimento, um comentário, oficial ou officioso (...).

imediatamente ao texto, constituindo-se sintagmas identificadores que funcionam como “iscas” de metatextos críticos, revelando aspectos da architextualidade⁴ da obra (GENETTE, 1982, p. 12).

O paratexto principal da obra é tagarela, pois apresenta forma mista, compreendendo elementos “temáticos e remáticos”⁵ (GENETTE, 1972, p.75). Por um lado, o título, **MORTE E VIDA SEVERINA**, tematicamente, refere-se à dialética, persistente em toda a obra, Morte como convite ao desespero e Vida como convite à esperança; por outro lado, o subtítulo, **AUTO DE NATAL PERNAMBUCANO**, rematicamente, refere-se ao gênero dramático, na forma singular do Auto. O título denuncia a tensão, essência do dramático, que alimenta o ritmo cênico de todo o drama, qualificando e intensificando a sina que marca os personagens, através do modificador “Severina”, indicador de severidade. O subtítulo, além de se confessar religioso: Natal, apresenta-se como representante de uma forma típica: Pernambucano.

Os autos designavam na Idade média toda peça curta e equivalia a um ato que viesse a integrar um espetáculo maior e completo, relacionando-se tematicamente aos *mistérios* ou às *moralidades*⁶. No caso do Auto cabralino, temos a combinação de aspectos das duas referidas modalidades. Isto porque a dicotomia teológica dos *mistérios* é substituída, como observa Nunes (1974), pela dialética Vida & Morte. Dialética esta que conserva não só a temática dos *mistérios*, mas também a função

⁴ Quinto tipo de transcendência textual, o mais abstrato e o mais implícito. Refere-se às relações do texto com normas conceituais e categoriais que regulam a ordenação textual, aos gêneros e sub-gêneros da literatura.

⁵ Com modulações e modalidades de transição, dois tipos dominantes: os temáticos, que se referem ao conteúdo do texto; e os remáticos, que se referem a características de natureza quase sempre architextual.

⁶ Nos mistérios, temas retirados da Bíblia para transmitir ao povo a história, os dogmas refletem o conflito do homem, em face do Bem e do Mal; do Pecado e da Graça; da Salvação e da Perdição eterna, entre outros. Nas moralidades, temas retirados da vida concreta objetivam analisar e criticar os costumes, por meio de personagens que representam abstrações personificadas de vícios e virtudes humanos, em face de certa visão de mundo.

didática das *moralidades*⁷. Zagury (1991) observou um dado a mais na complexidade configurativa do Auto cabralino. Após análise do **Auto da Mofina Mendes** e do **Auto de los Reyes Magos**, na busca de identificar as raízes de **Morte e Vida Severina** na tradição ibérica, ela concluiu que há relação entre a obra de João Cabral e os *autos de devoção e de conversão*.

Estamos, como hipótese, diante de palimpsesto. Outros textos semi-apagados permanecem subscritos no poema, como é o caso dos textos da tradição do pastoril pernambucano e os autos medievais. Mas como os textos dos Evangelhos são os fundadores da tradição natalina, e considerando a indicação do subtítulo, certamente estão dissimuladas no poema cabralino as narrativas do nascimento de Jesus dos evangelhos de Mateus e Lucas.

Severino e seus enigmas

Somos muitos Severinos / (...)/ iguais em tudo e na sina⁸

Observando o paratexto que introduz este primeiro monólogo

“O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI”

constata-se configuração de síntese da obra, anunciando uma espécie de monólogo-hipótese. As referidas indicações do paratexto de abertura sugerem que na seqüência da narrativa se saberá quem é o retirante e qual o seu propósito.

O retirante se auto-apresenta: “O meu nome é Severino”.

Severino é o seu nome, sabemos disso, antes de tudo. Mas a identidade de alguém não é apenas o seu nome. O nome, de fato, identifica e com ele as pessoas se identificam, sendo o nome um símbolo do ser. Mas ele é apenas uma entre outras formas de representar a identidade. Além do nome de registro, alguém pode ser

⁷ A diferença aqui é que a análise crítica da realidade sócio-política é feita através de imagens concretas-típicas.

⁸ Os fragmentos da obra **Morte e Vida Severina** aparecerão sem indicação de página.

identificado, por exemplo, pela sua atividade: pela relação familiar, pelo lugar de nascimento, pela religião. Por outro lado, a identidade, entendida de forma mais dinâmica, pode ser, também, definida como um “processo-metamorfose” (CIAMPA, 1987, p.129). Por isto, a impressão é a de ouvi-lo dizer: *decifra-me ou te devoro*.

A intuição que temos é a de que ele vai se apresentando a retalho.
não tenho outro de pia.

Severino, agora, parece querer se identificar de forma apofática, através do **menos**. Recorrência de elementos negativos na poética de Cabral é reconhecida pelos críticos de sua obra⁹. A falta de sobrenome que o distinga familiarmente acrescenta algo ao seu nome. Não ter “outro de pia” não é apenas um menos em sua identidade, mas também a revelação de sua identidade religiosa: é um cristão. Ou, pelo menos, fica claro que foi batizado nesta tradição.

Severino prossegue e, de novo, parece não conseguir êxito em acrescentar a si algo mais que o distinga dos demais homens, pois

Como há muitos Severinos, / que é santo de romaria,

Ele percebe que o seu nome não é suficiente para distingui-lo dos demais, pois, como Severino também são outros, ele suspeita poder vir a ser confundido com os santos de romaria. Mesmo esse anonimato amplia sua identidade. Sua identificação com os santos de romaria pode se associar a certa sina de caminhante religioso, que ora vai carregado pelo curso do rio, ora vai carregando outros para um lugar sagrado.

E, por causa da possível confusão de sua identidade coletiva, Severino acrescenta;

deram então de me chamar / Severino de Maria;

⁹ Barbosa (1975, p.113), referindo-se à obra cabralina **Cão sem Plumas**, procura mostrar que a intensidade da negatividade cabralina se revela ainda maior na medida em que aquilo que, ironicamente, se nega ao sujeito: cão/rio, é o que tem mais valor no léxico. Para NUNES (1974, pp.88-89), a negatividade de Severino se revela na medida em que este “nomeia tudo o que é vinculado, pela igualdade do anonimato, à dialética morte / vida”. Já Secchin (1983, p.107) procura mostrar que a dialética do menos, presente em toda obra cabralina, expressa-se através da relação entre a palavra esvaziada do poema e o espaço sócio cultural – carente e desfalcado – que ela incorpora.

Atentemos para as figuras que surgem. Maria, isoladamente, já é novo acréscimo a sua identidade: tem mãe, cujo nome é Maria. Trata-se de nome riquíssimo de sentido e de referência: é o nome da mãe de Jesus. Ora, isto é mais para sua identidade. Aqui o vemos, de alguma maneira, identificado com o próprio Jesus: seja como seu irmão, outro parente ou discípulo, seja com sua sina. Mas se ser filho de Maria o enriqueceu bastante, parece ainda dizer pouco, pois

como há muitos Severinos / com mães chamadas Maria, /
fiquei sendo o da Maria / do finado Zacarias.

Como Maria também é também a mãe de muitos Severinos, ele precisa acrescentar o nome do pai: Zacarias. Um outro acréscimo. Isto porque Zacarias não é um nome qualquer, seu pai é homônimo do pai de João, o batista. Por essa razão, cria-se mais um enigma.

Essa leitura pressupõe que os Evangelhos estão necessariamente contidos e semi-apagados no “Auto”. De modo que podemos lê-los no texto atual como por transparência. Isto porque um texto pode sempre camuflar outros, sem, contudo, jamais dissimulá-los completamente, porque, ao se apresentar, um texto sempre apresenta outros textos, podendo, por isto, pode ser lido em outro e, assim, até o fim dos textos (GENETTE, 1982, p.12).

Sem pretensões de realizar interpretações totalmente fantasiosas que não encontrem amparo no texto, buscaremos mostrar como, gradativamente, o nível temático vai dando sentido ao figurativo e como o narrativo, do mesmo modo, vai iluminando o temático. A recorrência do tema subjacente às figuras, vai, desse modo, tecendo a unidade da leitura.

No contexto dos relatos do nascimento de Jesus, os antropônimos Maria e Zacarias não são figuras isoladas, mas formam rede relacional, onde as figuras se articulam para produzir determinado efeito. Se em lugar de Maria e Zacarias,

tivéssemos Benedita e Fabiano, o sentido sugerido seria outro. Como a interpretação de um texto não se reduz à mera apreensão de figuras isoladas, mas, sim, à identificação das relações que entre elas se estabelecem e à avaliação da trama que constituem, curiosa é essa associação. Isto porque, no contexto das narrativas dos evangelhos, Maria é esposa de José; e Zacarias é esposo de Isabel. Esta aparente confusão com os nomes dos personagens dos textos dos Evangelhos nos desafia a encontrar o sentido da nova relação estabelecida, visto que Maria é a mãe de Jesus e Zacarias é o pai de João, o batista. Parece, portanto, claro que o nosso Severino, através dos antropônimos paterno e materno, estabelece dupla relação com as narrativas dos Evangelhos: por parte de Maria, com Jesus; e, por parte de Zacarias, com João, o batista.

Na seqüência da narrativa, Severino ainda em busca de mais acrescentar a sua identidade, reconhece que tudo quanto disse “ainda diz pouco”, pois Zacarias foi também um antigo coronel. Buscando distinguir Zacarias, seu pai, do seu homônimo, acrescenta sua identidade toponímica: é pernambucano do sertão, de um lugarejo que se situa vizinho ao Estado da Paraíba. Essa anônima e enigmática identidade poderia suscitar dúvida preconceituosa e milenar: pode vir alguma coisa boa da Serra da Costela?¹⁰.

Mas Severino é, antes de tudo, insistente. Percebendo que “ainda diz pouco”, pois na serra havia muitos severinos, através de recurso sinestésico, identifica-se com a Serra da costela “magra e ossuda”, revelando mais um aspecto de sua complexa identidade: é semelhante a sua própria terra porque dela foi formado.

Inicialmente, Severino era apenas ele mesmo e, por isso, a 1ª pessoa do singular; depois, Severino são também os outros e, por isso, a 3ª pessoa do plural. Agora, Severino assume sua identidade expandida e, por isso, utiliza a 1ª pessoa do plural, pois

¹⁰ Análoga depreciação foi feita a Jesus. “Poderá vir alguma coisa boa de Nazaré?” (João 1:46).

esta inclui as demais. É como se confessasse: “meu nome é legião porque somos muitos”¹¹. Embora a sina de Severino, de certo modo, pareça refletir um estado demoníaco, conjectura-se que sua vocação seja messiânica.

Somos muitos Severinos / iguais em tudo na vida (...)
/ iguais em tudo e na sina

Iguais na constituição física e frágil; iguais, também, porque é uma vida que, dialeticamente, contém a semente-flor-fruto da condição severina, abrigo de permanente ameaça de morte; iguais, ainda, porque é uma missão ou sina difícil.

Severino é ele mesmo e ainda-não. É filho de Maria e de Zacarias; semelhante ao solo de que foi formado; representante da vida e da sina do seu povo; enigma, em relação às narrativas do Nascimento de Jesus. Tudo isso não o torna apenas uma identidade coletiva, mas também revela sua identidade pessoal, na medida em que no todo está a parte e na parte está o todo. De modo que aquilo que o iguala aos outros também é ele.

O tema da obra cabralina foi surgindo por intermédio das indicações paratextuais e do primeiro monólogo. As figuras foram se juntando, sugerindo a concretização do tema do Natal. A partir disso, para além da anônima generalidade que identifica o herói com uma vida típica de um retirante geograficamente localizado, exemplarmente identificado como filho da severidade, a identidade excessiva de Severino vai conduzindo nossa leitura. E, no contexto do nascimento de Jesus, as figuras não podem ser interpretadas isoladamente e nem superficialmente. De modo que, nesta leitura, ressaltamos não o fracasso do Severino em apresentar sua identidade pessoal, mas o sucesso alcançado pela identidade excessiva construída. Severino é uma “metáfora viva”. Um personagem com excesso de sentido e de referência.

Concluindo sua auto-apresentação, Severino acrescenta:

¹¹ Resposta do endemoninhado à pergunta de Jesus – Qual é o teu nome ? (Marcos 5:9)

- Mas, para que me conheçam / melhor Vossas Senhorias / e melhor possam seguir a história de minha vida, / passo a ser o Severino / que em vossa presença emigra.

Severino iniciou este monólogo dizendo:

O meu nome é Severino...

Agora, no final, conclui:

Passo a ser o Severino...

No início da auto-apresentação, “o meu nome é Severino” foi-se revelando como muito pouco e, por isso, Severino passou a dizer cada vez mais sobre si. Agora, no final do primeiro monólogo, em “Passo a ser o Severino..”. o sentido foi ampliado pelo enigma gerado pela sua já confessada identidade coletiva, anônima. Uma confissão que pode ser entendida como: Passo a ser o Severino com muito mais e em processo de ser ainda mais. Um Severino-retirante-profeta que traz consigo uma sina comum aos sujeitos coletivos que representa. Severino é um e muitos; é como o rio e como todos os inumeráveis Severinos que vêm do Sertão para desaguar nos mangues do Recife; é o que nomeia tudo o que é vinculado, pela igualdade do anonimato, à dialética morte / vida (NUNES, 1974, pp.88-89), “um severino Severino” (CIAMPA, 1987, p.22). Sua identidade inclui a de um retirante nordestino, mas a extrapola. Isto porque, embora a obra de João Cabral, como observa Barbosa (1986, p.107), transporte sempre esta marca da concretude regional, ela vale mais pelo tratamento dado aos temas e procedimentos poéticos do que simplesmente como fonte de documentação regional. Por isto, mais do que um representante do retirante nordestino, Severino incorpora aspectos do homem universal, na medida em que simboliza, os que em busca da vida, da esperança, emigram de qualquer parte do mundo, de qualquer estado e em qualquer época.

Em face do contexto do Natal, a tagarelice do paratexto principal da obra e o sentido extravagante da identidade do Severino propuseram alguns enigmas:

Qual a relação entre o Auto de Natal Pernambucano e os Evangelhos ?

Qual a relação entre Severino e João, o batista?

Qual a relação entre Severino e Jesus?

Compreendemos que o ser do objeto é síntese e pode se revelar estático, mas o ser do homem é conflito, pois nele se inscreve a possibilidade do bem e do mal. De modo que o homem não é nunca um ser que coincida consigo mesmo.

O Severino que vai conduzir esta viagem é um personagem híbrido, que tem um eu expandido, complexo e composto: poético e teológico; pessoal e coletivo, um sim-não e um ainda-não, uma espécie de João-Severino. O paratexto deste primeiro monólogo parece ter conseguido cumprir a sua sina, pois o personagem apresentou-se não só como indivíduo, mas também como símbolo de coletividade, como enigma e como ação que prossegue.

Predestinação: conjectura transtextual

Ela tem tal composição
E bem entramada sintaxe
Que só se pode apreendê-la
Em conjunto: nunca em detalhe. (MELO NETO, 1999, p.294)

A conjectura, teologicamente e teleologicamente, pode ser chamada de predestinação transtexto-discursiva, por se apoiar em indicações paratextuais e em figuras e temas.

Os autos de natal, peculiarmente, jamais configuram drama de caráter trágico. Ao contrário, por serem peças curtas integrantes de um espetáculo maior, configuram sempre um certo tipo de peça-mito de caráter celebrativo. O poema cabralino, entretanto, possui um duplo caráter: o trágico e o celebrativo. Na primeira parte, configura-se um drama de caráter trágico. Nele, a tensão dramática progressivamente se condensa até o ponto mais alto, mas não se consuma em tragédia, pois, no momento nefasto, abre-se uma segunda parte, na qual ocorre o encaixe do Auto de Natal propriamente dito.

Assim, pressupomos que a primeira parte do auto – o drama trágico de Severino – exerce no conjunto da obra a função de prólogo alongado do Auto de Natal. Tal disposição ressalta o caráter simbólico do nascimento do menino como esperança para o drama trágico da existência.

O drama trágico do Severino, sua tensão entre vida e morte, mais do que o símbolo da condição humana de um povo regionalmente localizado, tem uma extensão que alcança a dimensão humana em sua universalidade. Pressupomos que a primeira parte do auto – da auto-apresentação até à cena em que Severino planeja saltar dentro do rio e da morte - é uma alegoria do drama da existência humana. E que o encaixe do Auto de Natal no momento exato da consumação da tragédia humana conquista sentido profundamente teológico. Isto porque, tratando-se de um auto de natal, nem é possível o texto configurar-se sem dissimular os prototextos teológicos fundantes da tradição natalina, nem se pode conceber que qualquer leitor que compartilhe da cultura ocidental cristã não relacione o menino que nasce como alusão ao Jesus dos Evangelhos de Mateus e Lucas.

O palimpsesto funciona como chave na leitura de dois ou vários textos em função de um outro. Um texto é palimpsesto quando inclui, reveste e incorpora outros textos (GENETTE, 1982, p.452). Pressupomos que a obra cabralina é palimpsestos de palimpsestos. E que entre o “Auto de Natal Pernambucano” e as narrativas do nascimento de Jesus estabelece-se uma relação hipertextual, por transformação, sendo o “auto” o hipertexto e os textos dos Evangelhos seus hipotextos. Mas, como as relações entre eles não se apresentam como relações contratuais explícitas, é preciso desvendar as marcas dos hipotextos dissimuladas no texto atual.

Conjectura-se que o Auto cabralino é palimpsesto e possui em comum com as narrativas do nascimento de Jesus a **configuração discursiva => o nascimento de uma**

criança; e o núcleo sêmico => símbolo da esperança. A esperança gradativamente destruída e o desespero de tal modo intensificado instaura um simbolismo de sentido apropriadamente teológico.

Será, portanto, leitura em travessia para os Evangelhos. Seguir no curso da narrativa poética, numa alternância metodológica, entre semiótica literária, semântica e hermenêutica; entre o discurso teológico e o discurso literário; entre o hipertexto e o hipotexto; entre Morte – como o grito do desespero - e Vida, como convite à esperança, numa dialética que pode muito bem ser traduzida pela tensão criada entre o desespero-semente e a esperança-semente.

O caminho que segue o desespero brotado que vai crescendo e a esperança teimosa que vai emudecendo a cada cena. Ora a esperança teima em se fabricar; ora o desespero insiste em ser fatal. Caminho, portanto, marcado pela contínua tensão dramática, que prossegue em alternância progressiva e convergente até o clímax.

A conjectura suspeita que o nascimento da criança metamorfoseia poeticamente o desespero em rito celebrativo da esperança, tema por excelência teológico, estabelecendo um reencontro¹² entre a revelação da poesia (BORGES, s.d.)¹³ e a revelação da teologia.

No caminho do rio-severino, entre o desespero e a esperança

Vou andando lado a lado
de gente que vai retirando;
vou levando comigo
os rios que vou encontrando. (MELO NETO, 2000, p.121)

A viagem do Severino é fuga da morte imposta pela própria condição severina de sua vida. Fuga da morte precocemente morrida ou matada; fuga do desespero, que é a morte da qual não se pode morrer (KIERKEGAARD, 1980, p.201).

¹² Poesia e teologia nasceram no mesmo berço mítico.

¹³ “A poesia é a iminência de uma revelação”.

Seguindo o rio, seu caminho de fuga é também o de busca de vida, de esperança. Ao retirar, Severino não deseja simplesmente abandonar o Sertão. Ele deseja fugir das ameaças de morte, mas também chegar a Recife, seu destino, onde as águas se tornam abundantes, onde a vida é presumivelmente mais vida. A cidade passa a ser mais do que ponto de chegada, torna-se símbolo de sua esperança. Com isto, a pretensão de chegar ganha novo sentido, pois sua fuga também passa a representar mais do que a defesa da vida. Chegar a Recife representa também um voto de confiança à esperança que teima fabricar mais vida. Sua viagem, portanto, segue marcada pelo malogro recorrente e pela esperança ressurgente. Cada morte presenciada testifica a vida sobrevivida, portanto a esperança ainda não totalmente consumida pelo desespero fatal.

Na alternância monólogo/cena revela-se uma dialética morte-vida, desespero-esperança, fundadora, mantenedora e plenificadora da tensão dramática da obra. Nas cenas, a morte vai, progressivamente, condensando-se, desvelando o trágico, ao tempo em que, simetricamente, nos monólogos, a esperança de Severino vai se tornando impotente para combater o desespero fatal. O desespero cresce e a esperança se despede no último par cena-monólogo. Mas, diferentemente, na última cena, diálogo entre Severino e seu José, mestre carpina, a dialética morte-vida concentra-se e revela sua maior intensidade: o desespero mortal domina o retirante; a esperança de vida malogra em sua fala, mas ressurge na fala do mestre carpina.

Na primeira cena, após a auto-apresentação do Severino e apresentação da morte, o diálogo entre Severino e os “irmãos das almas” que carregam um defunto vai revelando gradativamente o rosto da morte, seus agentes e os seus efeitos.

A quem estais carregando/ irmãos das almas, ? / (...) A um defunto de nada,
(...)/ E sabeis quem era ele ? / irmãos das almas, ? / (...)/ Severino Lavrador,
/ mas já não lavra.

A morte que se apresenta ao Severino reduz o outro humano a “um defunto de nada”. No diálogo, é como se as respostas dos irmãos das almas às perguntas de

Severino fossem gradativamente revelando que o que é próprio da vida severina é a morte, que esta é a morada para onde cada um, gastando as suas horas, viaja. E, deste modo, a morte se apresenta como uma castração que impede o ser humano de continuar construindo a sua identidade. Ele não poderá mais acrescentar nada ao seu ser, restando-lhe apenas um indício negativo do que ele foi em vida: “é Severino Lavrador, mas já não lavra”. A morte apresentada vai se revelando como renovo perante ele, como raiz numa terra seca, como a paisagem física e humana que ele tanto conhece. A primeira paisagem, a Caatinga mais seca e a terra magra e ossuda sempre mais extinta, que “não dá nem planta brava”, mas que assegura a morte de fome um pouco por dia; a segunda, a ganância insaciável dos coronéis, que garante a “emboscada antes dos vinte”. Seja pela morte morrida de fome, de fraqueza e de doença; seja pela morte matada, por uma “ave-bala”, soltada, “voando desocupada”. A morte matada aqui é obra dos que têm a ganância do poder político-econômico; dos que, ao se sentirem ameaçados em seus interesses, não hesitam em soltar as “filhas-bala”.

Na seqüência de sua caminhada, a morte não o abandona e parece querer definitivamente acompanhá-lo até o Recife, pois se reapresenta não só como símbolo de sua última morada - o cemitério, destino final do defunto-severino - mas também como o seu próprio caminho – “Toritama é minha estrada” - o que revela a sua inequívoca identidade com a sina de morte.

Severino não tem plena consciência da situação e quer prosseguir. Sabe apenas que “é muito longa a viagem e a serra é alta”, de modo que presume que mais sorte tem o defunto, que não fará na volta a caminhada. A fortuna, porém, é apenas aparente. Pois se, por um lado, quem morre não sente mais a ameaça da morte; por outro, também não pode mais ter esperança.

Ao se apresentar, a morte fez vacilar a esperança.

No segundo monólogo, Severino revela seu vínculo religioso. As imagens apresentadas no texto diagramam o roteiro monótono do empreendimento de sua viagem até Recife.

Antes de sair de casa/ aprendi a ladainha / das vilas que vou passar na minha longa descida. / sei que há vilas grandes, / cidades que elas são ditas; sei que há simples arruados, / sei que há vilas pequeninas, / todas formando um rosário cujas contas fossem vilas, / todas formando um rosário / de que a estrada fosse a linha. Devo rezar tal rosário / até onde o mar termina.

A configuração do rosário é análoga à justaposição dos monólogos e cenas da composição da obra. E o conjunto ladainha / rosário¹⁴ representa, sinteticamente, o roteiro da viagem de Severino: por um lado, a monotonia; por outro, as sucessivas etapas a cumprir. Este componente religioso do seu percurso leva Severino a concluir que a última conta do rosário apenas poderá ser rezada quando chegar a Recife. Confessa, entretanto, que não julgava que seria tão difícil seguir o monótono caminho do rio.

Vejo agora: não é fácil / seguir essa ladainha;

Isto porque, observando lugares secos de água e secos de vida, “lugares onde o pé se descaminha”, a esperança de Severino vacila e, tomado por esse espírito, Severino lamenta:

Pensei que seguindo o rio / Eu jamais me perderia: / Ele é o caminho mais certo, De todos o melhor guia. / Mas como segui-lo agora / Que interrompeu a descida ?

Severino percebe que a dificuldade do seu empreendimento vai se tornando ainda maior pelo fato do rio ser também severino:

É tão pobre que nem sempre / Pode cumprir sua sina / E no verão também corta, com pernas que não caminham.

¹⁴ Enfiada de 165 contas, correspondentes ao número de 15 dezenas de ave-marias e 15 padre-nossos.

Não podendo, provisoriamente, contar com o seu caminho-guia, o rio¹⁵, símbolo de sua esperança de mais vida, as indicações dos símbolos religiosos que orientam as estações de sua via patética ficam também sem efeito. A personificação do rio em face da desertificação física e humana pode aqui ser apropriadamente chamada de “liquidificação do homem e humanização do líquido” (SECCHIN, 1983, p.109).

Severino não pode contar com o rio, pois este interrompeu o seu curso; nem com o rosário, pois o seu sentido falhou junto com o rio, gerando a desorientação. Nem a religião nem a natureza podem ajudá-lo. Surge, desesperada, a dúvida:

Tenho que saber agora / Qual a verdadeira via

Somos remetidos aqui, interdiscursivamente, a um outro Severino, também filho de Zacarias, quando nas malhas do poder político-religioso e sob a ameaça de morte, teve dúvida sobre a verdadeira via, o verdadeiro Messias, e enviou dois dos seus discípulos a Jesus para perguntar-lhe: “és tu mesmo o messias ou devemos esperar por outro?” (Lucas 7:19).

Quando nem as circunstâncias naturais, nem os símbolos da religião podem ajudar, a decisão mais sensata é desistir ou deixar emaranhar o fio da linha. Severino não deseja voltar. Mas sabe que precisa urgente de solução. Mais do que a necessidade da fuga e mais do que o desejo de chegar a Recife, agora, a questão é assumir com a vida o combate contra a morte.

Desorientado, Severino não tem com quem se comunicar e são vários caminhos que diante dele se multiplicam. Um, entretanto, à distância, parece agradável:

quem sabe até se uma festa / ou uma dança não seria ?

Na segunda cena, a ilusão de que se tratava de evento festivo se dilui de imediato.

¹⁵ O rio é o símbolo da esperança, é caminho, é guia e é o ponto de chegada. João, o batista, realizou sua missão batizando às margens do rio Jordão. No Cristianismo, o batismo é rito de iniciação a uma nova vida, mas também, dialeticamente, símbolo de morte.

Não é festa, mas um velório onde pessoas cantam excelências¹⁶ para um defunto. Severino está outra vez diante da morte e a consciência de sua condição severina se aprofunda. A morte desta vez aparece revestida de um certo tom festivo.

Finado Severino, / Quando passares em Jordão / E os demônios te atalharem
Perguntando o que é que levas... / Dize que levas cera, / Capuz e cordão
Mais a virgem da Conceição.

O encadeamento das figuras “Jordão”, “passar” e “demônios” revela percurso figurativo que remete a percurso análogo nos Evangelhos, pois a travessia do rio e a imersão no rio têm o sentido idêntico de passagem para outra vida (ELIADE, pp.240-244).

O percurso temático desta cena nos mostra que, implícito ao canto das excelências, está a tradição teológica na qual a reza de encomendação da alma do morto se fundamenta. Segundo o preceito, o morto deveria levar consigo alguns símbolos religiosos para exorcizar os demônios que surgissem e para garantir o cuidado divino no outro lado da vida. Mas, enquanto a reza se processa, um homem, do lado de fora, faz uma paródia ao canto que vem de dentro da casa.

Dize que levas somente / Coisas de não: / Fome, sede, privação.
(...)/ Dize que coisas de não, / Ocas, leves: / Como o caixão, que ainda deves.

O contracanto que parodia as palavras dos cantadores, no fundo, contesta o princípio teológico que fundamenta aquela tradição religiosa. O conteúdo parodístico apresenta um combate aos demônios por uma via negativa – “coisas de não” - que denuncia a inutilidade do preceito teológico e insinua que, como não serviram para defender o defunto-severino, não serão úteis após a morte. As figuras concretas apontam para um realismo tão severino, que, por isso mesmo, é mais eficaz na exorcização dos demônios do que a mera repetição do credo. O sentido místico da cerimônia é rebatido parodisticamente, como observou Costa Lima (1968, p.321), em duplo sentido: dentro

¹⁶ Cantiga de velório em uníssono, sem acompanhamento instrumental.

da cena, paródia à reza; fora dela, paródia a uma certa lírica que prefere caçar o etéreo ao invés de apontar a densa privação da contingência.

Como a esperança não encontra fôlego no discurso teológico daquela reza, que é imediatamente parodiado pelo discurso da realidade imanente e do pessimismo, Severino reflete sobre a suspensão ou continuidade de sua viagem. Pela reza, já está decidido que o morto atravessará o Jordão:

- Uma excelência / Dizendo que a hora é hora. / - Ajunta os carregadores
que o corpo quer ir embora

Mas a paródia replica e secamente indica o imanente destino do defunto:

- Ajunta os carregadores... / ... que a terra vai colher a mão.

No terceiro monólogo, Severino, cansado, reflete sobre o sentido de sua esperança.

- Desde que estou retirando / só a morte vejo ativa, / só a morte deparei
e às vezes até festiva; / só a morte tem encontrado / quem pensava encontrar
vida, e o pouco que não foi morte / foi de vida severina¹⁷

Suas inquietações ameaçam sua esperança, que, anelando por ver, nutre-se apenas do que não ver; mas que, para continuar viva, precisa manter algo em mira.

Na verdade, por uns tempos, / Parar aqui eu bem podia / E retomar a viagem
Quando vencesse a fadiga. / Ou será que aqui cortando / Agora a minha
descida. Já não poderei seguir / Nunca mais em minha vida ?

Em face de sua reflexão retrospectiva e prospectiva, Severino tem três alternativas: continuar, suspender temporariamente ou interromper definitivamente a sua caminhada e voltar. A primeira significa levar adiante o seu projeto; a segunda mantém a tensão da dúvida; e a terceira, voltar, talvez o imobilize para sempre. É uma séria decisão. Uma certa Severina, mulher de Ló, ao fugir da cidade condenada a ser destruída por fogo e enxofre¹⁸, “olhou para trás e ficou convertida em uma estátua de sal” (Gênesis 19:26). Pode-se aqui ouvir o eco de uma fala restritiva de Jesus-severino: “Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus” (Lucas

¹⁷ (aquela que é menos / vivida que defendida / e é ainda mais severina / para o homem que retira).

¹⁸ “Então o Senhor fez chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra”.(Gênesis, 19: 24.)

9:61). Recife é a cidade santa e a Caatinga seca é a cidade condenada. Severino suspende a decisão temporariamente, mantendo, assim, a chama do desespero acesa, pois precisa de pão, precisa arranjar trabalho.

Na terceira cena, a fome de pão é imperativa e o paratexto que abre o monólogo é enigmático:

DIRIGE-SE À MULHER NA JANELA
QUE DEPOIS DESCOBRE TRATA-SE DE QUEM SE SABERÁ.

Severino vê uma mulher na janela. Ela se distingue das demais pessoas do lugar, pois, embora não seja rica, “parece remediada”. Ele se aproxima dela e lhe dirige a palavra. O fio de sua conversa não se embarça e ele tece precisamente a malha de sua intriga: tem fome de pão e sede de trabalho. A resposta imediata da mulher é positiva: há emprego. Mas a vaga se restringe aos que possuem uma certa competência. Severino prontamente se candidata. A partir daí, o diálogo com a mulher vai se tornando cada vez mais dramático, pois, enquanto apresenta suas habilidades como lavrador, pastor de gado e serviçal dos engenhos, tudo que fora possível aprender em sua condição severina. A mulher, numa fala cruel e satírica, vai repondo questões que patenteiam a inutilidade do seu currículo, até, provocadoramente, perguntar:

- Mas isso então será tudo / em que sabe trabalhar ? / Vamos, diga, retirante,
outras coisas saberá ?

Severino reiteradamente traduz sua condição severina e sua disposição incondicional:

- Deseja mesmo saber / O que eu fazia por lá ? / Comer quando havia o quê
e, havendo ou não, trabalhar.

A mulher, considerando a hipótese de Severino possuir uma outra habilidade, sugere sociedade: “trabalhávamos a meias”. Como não é compreendida por ele, numa fala sintética e lancinante, ela revela sua profissão, única forma de defender a vida na região: semear a morte.

vivo de a morte ajudar. / (...) / sou de toda região
rezadeira titular. / - Como aqui a morte é tanta, / só é possível trabalhar
nestas profissões que fazem / da morte ofício ou bazar / (...)
farmacêuticos, coveiros, / doutor de anel anular / (...)
Só os roçados da morte / compensam aqui cultivar.

Só a morte é produtiva. E, neste caso, apenas à custa do sacrifício da vida. A fome é a morte aludida, que aqui se dissimula. Na fome, não vemos a morte por inteiro, mas apenas a experimentamos “um pouco por dia”, pois ela se disfarça no trabalho, símbolo do pão, da produção de vida, da sobrevivência, pois ali só é possível trabalhar ajudando a morte.

Para viver, Severino precisa de pão; ele tem fome de pão. Mas, agora, mais do que pão, ele precisa da força da esperança para continuar buscando o pão, a vida. Por isto, sua fome passa a ser outra: fome de esperança. Nele se cumpre uma profecia: “Eis que vêm os dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a terra; não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor”(Amós, 8:11). Como a única palavra religiosa que lhe chega vem da Severina-rezadeira e se apresenta como a encarnação da morte, sua desilusão se aprofunda.

No quarto monólogo, a fome de esperança dele é tamanha, que, chegando à Zona da Mata, pensa em interromper a viagem, pois julga ter chegado à sua “terra prometida”. Se, em face da morte recorrente, sua esperança vacilara e refletira sobre a continuidade ou não de sua busca. Se o realismo da paródia à reza abatera o seu ânimo e a Rezadeira o desiludira, agora, a paisagem verde e feminina da região amplifica-se no coração de nosso herói, beirando o ilusório.

- Bem me diziam que a terra / se faz mais branda e macia / quanto mais do
litoral a viagem se aproxima. / Agora afinal cheguei / nesta terra que diziam.
Como ela é terra doce / para os pés e para a vista. / Os rios que correm aqui
têm a água vitalícia.

Severino, filho de uma terra seca, de repente, está diante da água. Para ele, naquela situação, ela simboliza a esperança de vida eterna.

Vejo agora que é verdade / o que pensei ser mentira. / Quem sabe se nesta terra. Não plantarei minha sina ? / Não tenho medo de terra / (cavei pedra toda a vida), e para quem lutou a braço / contra a piçarra da Caatinga / será fácil amansar esta aqui tão feminina.

Mas Severino, por enquanto, ainda tem esperança, pois não percebe tudo sobre a terra.

Decerto a gente daqui / jamais envelhece aos trinta / nem sabe da morte em vida, vida em morte, severina;

Na quarta cena, a morte se condensa e agora se apresenta no funeral de um lavrador. Golpe violento e fatal dado outra vez pelos que detêm o controle das estruturas de poder. Mais um Severino é vítima. O motivo da sua morte relaciona-se à esperança que o motivara a lutar por justiça social.

- Não é cova grande, / é cova medida, / é a terra que querias / ver dividida.
- É uma cova grande/ para seu pouco defunto, / mas estarás mais ancho que estavas no mundo.

Este é o terceiro funeral que se interpõe entre Severino e o seu caminho de esperança. Desde o Sertão até aqui à Zona da Mata, a morte é sempre a mesma. Não só são muitos Severinos, mas também são muitas as mortes encomendadas. Severino toma consciência de que para a morte não há limites geográficos e que a condição de vida severina está presente tanto onde há trabalho, quanto onde não há; que ela é mais opressora quando a religião se alia ao poder político, tornando-se deste um apêndice. Fica também claro que a justiça que o Severino tanto buscara ao reivindicar os seus direitos somente pode ser alcançada na morte, recebendo-a como cova, na medida exata: “nem largo, nem fundo”. Até em medida maior do que reclamava: “é uma cova grande para tua carne pouca”. Fala irônica que evoca, intertextualmente, um dito popular – “a terra dada não se abre a boca”¹⁹:

A biografia do morto vai sendo contada satiricamente pelas falas alternadas dos amigos. De privação em privação, a morte acaba por se constituir uma superação da

¹⁹ “Cavalo dado não se olham os dentes”. (uma variante dentre outras).

privação pela privação absoluta da vida. A condensação da morte atinge também ironicamente os símbolos religiosos já referidos, que, agora, revelam pela morte sua verdadeira natureza infrutífera e sua impotência para guiar Severino em seu caminho ou depois da morte.

- Na mão direita um rosário, / milho negro e ressecado. / Na mão direita somente O rosário, seca semente. / Na direita, de cinza, / O rosário, semente maninha. Na mão direita o rosário, / Semente inerte e sem salto.

E, por fim, o inexorável destino em seu aspecto mais universal:

- E agora, se abre o chão e te abriga, / Lençol que não tiveste em vida.
- Se abre o chão e te fecha, / dando-te agora cama e coberta.
- Se abre o chão e te envolve, / como mulher com quem se dorme.

A condição Severina intensifica a dor da vida e revela a tensão vida/morte. Sob alguns aspectos, essa tensão é universal e esse drama pertence ao gênero humano. Sejam quais forem as gradações desta tensão, a morte a todos iguala. Neste sentido, tanto opressores quanto oprimidos se encontram. Nesta cena, a morte condensa-se ao seu ponto máximo e alcança sua maior extensão. Este caráter mais universal da morte é expressamente indicado pelo pensador pessimista do livro de Eclesiastes (3:20): “todos somos pó, e ao pó voltaremos”.

No quinto monólogo, a condensação da morte emudece a esperança de Severino. Ele tem religião, mas não pode contar com ela; encontrou terra mais viva, mas a morte continua como ameaça, pois o sistema político-econômico privilegia poucos. Está desiludido. Seu projeto parece cair por água abaixo. Sua reflexão o conduz a se autojustificar:

O que me fez retirar / não foi a grande cobiça; / o que apenas busquei foi defender minha vida / de tal velhice que chega / antes de se inteirar os trinta;

O destino trágico começa a tomar conta de Severino. Ele se sente culpado de algo que não sabe explicar, de algo que o transcende. Por isso, procura explicar a alguém suas razões, sua tímida esperança. Aquela esperança que o assaltara quando, por

um momento, vira a terra “branda, doce e macia”, onde não envelheceria antes dos trinta, agora, está tão desiludida. Severino não consegue mais ver o futuro e confessa que desejara apenas sobreviver. Desde o Sertão, passando pelo Agreste e a Caatinga até a Zona da Mata, em relação à tensão morte/vida, nada difere. A diferença mínima está na forma de consumir o viver.

Sua missão é chegar a Recife, mas o caminho que o conduz passa pela tensão vida/morte. Na medida em que se aproxima da cidade, suas esperanças vão de tal modo emudecendo, que a desilusão chega a um estágio em que o símbolo de sua esperança vai se metamorfoseando em ameaça de morte. Assim, próximo da estação-última, está desiludido e na ante-sala da morte. Procura se desembaraçar dos símbolos religiosos que o acompanharam inutilmente até ali e decide apressar o seu passo, como se dissesse: é chegada a hora !

Sim, o melhor é apressar/ O fim desta ladainha, / Fim do rosário de nomes
Que a linha do rio enfia; / É chegar logo ao Recife, / derradeira ave-maria
do rosário, derradeira/ invocação da ladainha, / recife, onde o rio some
e esta minha viagem se fina.

Na quinta cena, o herói desse drama trágico chega, finalmente, a Recife.

Cansado da viagem, senta-se para descansar ao pé da muralha de um cemitério e, sem ser notado, ouve atentamente a conversa de dois coveiros. A cena é duplamente reveladora. Por um lado, por tratar-se do cemitério, símbolo da última morada; por outro, pelo conteúdo da conversa dos homens. O cemitério é um lugar simbólico: em seu silêncio, profetiza a morte como finitude, como irremediável destino de todo ser humano; evoca o mistério do além da morte, evoca perspectivas do sagrado²⁰.

O diálogo dos coveiros vai revelando, ironicamente, o destino comum de todos os humanos. Contudo os diferentes tipos de cemitérios e os diferentes locais de sepultamento em cada cemitério reproduzem as diferenças entre as classes sociais. Os

²⁰ Se, por um lado, a morte pode ser entendida como o malogro absoluto, o ponto final de todo empreendimento humano; por outro, pode também ser entendida – e mais freqüentemente – como o lugar de um novo nascimento, esperança de passagem desta para uma outra vida menos severina.

ricos - os políticos, os usineiros, os banqueiros e os empresários - são sepultados nas “avenidas do centro”, onde o movimento é como o “porto do mar”. Os funcionários, os profissionais liberais e os operários são sepultados em “urbanizações discretas, com seus quarteirões apertados”. “Os pobres vários” são enterrados no “subúrbio dos indigentes” aonde chegam sempre em “comboio e onde não pára o vaivém”. A prosa dos coveiros sobre “defuntos ininterruptos” revela a sina de Severino:

- É a gente retirante / Que vem do Sertão de longe. / - Desenrolam todo o barbante e chegam aqui na jante. / - E que então, ao chegar, / não têm mais o que esperar.
- Não podem continuar / pois têm pela frente o mar.
- Não têm onde trabalhar e muito menos onde morar.

Fica evidente a precária situação dos que retiram do Sertão para o Recife. Sem casa, sem trabalho, só resta sobreviver nos mangues dos rios. O símbolo de esperança se torna o símbolo da desgraça. No mangue, vivem em favelas; do mangue retiram o alimento; no mangue lançam os seus excrementos, que servirão de alimento para os caranguejos, que serão pescados para serem, outra vez, alimento, reiniciando, assim, o mesmo ciclo. A miséria é tão funesta, que a profecia dos coveiros ganha um tom ironicamente trágico para Severino:

- E da maneira que está / não vão ter onde se enterrar. / - Na verdade, seria mais rápido e também muito mais barato / que os sacudissem de qualquer ponte/dentro do rio e da morte. / - O rio daria a mortalha / e até um macio caixão de água; [...] / que levaria com passo lento / o defunto ao enterro final / a ser feito no mar de sal.

Ao contrário do funeral do trabalhador de eito, o enterro que lhe é oferecido em sua “terra prometida” despersonaliza os mortos, coisificando-os. Aqui, o desespero de Severino se acentua ao máximo. Ele pressente que a profecia do coveiro prenuncia a privação de sua última morada.

- Não é viagem o que fazem, / vindo por essas caatingas, vargens;
aí está o seu erro: / vêm é seguindo seu próprio enterro.

Severino está condenado! Sua morte está profetizada!

No sexto monólogo, ele, desesperado, confessa que de fato buscava, mas nem era tanto o que esperava.

Que ao menos aumentaria / na quartinha, a água pouca, / dentro da cuia, a farinha, o algodãozinho da camisa, / ou meu aluguel com a vida.

Severino é a imagem do homem diante da morte, do homem solitário. Abandonado pela religião e pela política, está ciente de seu destino trágico. Sua morte está predita: é um homem morto, mas um morto ainda com vida. De modo que decide:

A solução é apressar / a morte a que se decida.

Severino retirante despede a esperança e deseja que a profecia dos coveiros se cumpra. Isto porque, diante da implacável força do destino, sente-se impotente para continuar combatendo e, por isso, lança mão de uma espécie de introversão que, como diria Kierkegaard (1980, p.228), “não passa de um escudo de orgulho que encobre uma fraqueza do desespero, que em longo prazo se tornará insustentável”. Se Severino não se livrar desse escudo, não conseguirá sair dessa situação e a loucura ou o suicídio tornar-se-ão válvulas de escape inevitáveis. Os golpes desferidos pela morte atingiram de cheio a vida de Severino, que emudeceu a sua esperança e condensou o seu desespero. Estamos, como diz Barbosa (1975, p.125), “no momento crucial do auto: aquele em que a esperança que movera as pernas do retirante começa a desvanecer-se por força e crueza de uma situação social muito pior do que a esperada”.

Limiar do clímax do auto trágico. Na seqüência, no diálogo entre Severino e o Carpina, a tensão dramática prossegue, revelando o instante mais demoníaco do desespero do retirante.

Na sexta cena, Severino está em face do salto.

Até aqui seguimos estrutura da obra que compreendia alternância entre cena e monólogo, que, dialeticamente, revelavam a tensão morte e vida. Nas cenas, a morte sempre evocando o trágico destino da condição de vida severina e, nos monólogos, a

esperança teimando se fabricar. Em cada cena, a morte investia contra o que restava de esperança, ao mesmo tempo em que, nos monólogos, a esperança de Severino ia definhando. Severino teve sua morte profetizada e sua esperança despedida. Sem forças e entregue ao desespero fraqueza, não mais consegue defender a vida, como o fizera no diálogo com a rezadeira. Está dominado pelo desespero. Mas a esperança despedida por Severino, ainda não derrotada completamente, toma fôlego na fala do personagem Carpina, que combate o desespero que está prestes a afogar Severino. A esperança só continua como possibilidade para Severino porque do outro não brota só a ameaça e a morte, mas também a fala de esperança e o gesto de vida.

A conjectura indicou que, pelo fato de tratar-se de um auto de natal, os textos dos Evangelhos de Mateus e Lucas estão necessariamente subscritos. Com o aparecimento da figura de José, mestre carpina, a rede figurativa que remete aos Evangelhos se amplia, pois este é homônimo de José, o carpinteiro, pai de Jesus. A atitude de seu José, mestre carpina, aqui, é análoga à de seu homônimo bíblico quando, em situação idêntica, buscava fugir dos que intentavam matar o seu filho, a vida e a esperança ainda não nascida. Ao lançar luz sobre os enigmas propostos, a figura vai validando a conjectura.

O tema da morte como obstáculo à esperança, tão recorrente na história humana, encontra uma simbólica expressão no diálogo entre Severino e o José, mestre carpina, um morador de um dos mocambos, dentre os vários, situados entre o cais e a água do rio. O Carpina aproxima-se de Severino e este inicia o diálogo, perguntando sobre a fundura da “água grossa e carnal” do rio. Ao que o Carpina responde, literalmente, que, embora nunca tenha cruzado o rio a nado, a navegação de grandes barcos indica que é fundo. A disputa entre os dois não se trava apenas no âmbito temático, o do embate entre a vida e a morte, mas também entre as referências literal e metafórica, como

podemos constatar na fala de Severino, ao considerar inúteis as informações literais do Carpina.

para cobrir corpo de homem/ não é preciso muita água: / basta que chegue ao abdome, basta que tenha a fundura / igual à de sua fome.

O Carpina, utilizando-se de um discurso de referência literal, redargúi:

Severino, retirante, / (...)/ sempre que cruzo este rio costumo tomar a ponte;
/quanto ao vazio do estômago, / se cruza quando se come.

O verbo cruzar, utilizado duas vezes em sentido literal, é central no argumento do Carpina. É aí que Severino se exalta um pouco e, retomando os termos utilizados pelo Carpina, reelabora-os com outra referência.

Seu José, mestre carpina, / e quando ponte não há ? / Quando os vazios da fome não se tem como cruzar ? / Quando esses rios sem água / são grandes braços de mar ?

José reconhece que, em relação às questões profundas do ser, a linguagem literal tem limitações, pois, passa a incluir em sua fala a referência metafórica.

sei que a miséria é mar largo, / não é como qualquer poço: / mas sei que para cruzá-la vale bem qualquer esforço.

O espírito de luta e sofrimento de José em defesa da vida é análogo ao de José e Maria dos Evangelhos quando buscavam uma hospedaria onde o menino Jesus pudesse nascer. O Carpina sabe das adversidades da vida, mas crê na possibilidade de sua superação. Não se trata, portanto, de uma esperança contemplativa, mas sim operativa.

O diálogo prossegue e Severino indaga se, no seu caso, quando a força já morreu, a melhor coisa não seria se entregar “ao puxão das águas”. O carpina rebate, insistindo no combate ao mar daquela conversa, pois tal desesperança, em largas proporções, pode alagar e devastar a terra inteira. Severino, irredutível, não crê que nada possa mudar o destino já traçado, pois “acabamos naufragados num braço de mar miséria”. Mas José, persistente em sua esperança, apropria-se da fala do retirante, transmutando o pessimismo em otimismo, os braços acomodados de miséria em braços de luta.

Severino, retirante, / muita diferença faz / entre lutar com as mãos e
abandoná-las para trás, / porque ao menos esse mar / não pode adiantar-se
mais.

Mas severino, relutante, reafirma sua descrença na mudança do destino trágico.

Neste ponto, Severino não permite que o Carpina retome a fala e, duplicando a sua, ataca o seu interlocutor com o realismo da miséria presente.

há muito no lamaçal / apodrece a sua vida ? / e a vida que tem vivido
foi sempre comprada à vista ?

A fala serena do mestre carpina – “sou de Nazaré da Mata”- revela a firmeza de sua esperança e convoca, através das novas figuras, os textos dos Evangelhos. A figura “Nazaré” é duplamente reveladora. reafirma uma identidade do mestre carpina com José, o pai de Jesus, pois ambos procedem de cidades que têm o mesmo nome²¹; identifica o Carpina com Severino, pois, sendo Nazaré da Mata uma cidade da região da Zona da Mata, o Carpina é também um retirante, entre outros tantos retirantes. A resposta de José ganha um caráter tão patentemente alusivo, como se fosse o eco da fala de Jesus nos Evangelhos²²:

a vida de cada dia / cada dia hei de comprá-la.

Para José, a questão não é a possibilidade ou não de comprar a vida “em grandes partidas”. Mas a de comprá-la sempre, todo dia, cada dia. Pois o que se compra “a retalho é, de qualquer forma, vida”.

Severino não tem mais palavras para combater a fala de vida e de esperança do mestre carpina. Mas também não consegue mais ter esperança. Está mergulhado no desespero e completamente dominado. Aquele que antes quisera saber qual a verdadeira via está, agora, inerte, condenado à morte, está em agonia, à beira da tragédia ! Ele é a imagem do trágico, como diz Staiger (1975, p.147):

²¹ “Subiu também José, da Galiléia, da cidade de Nazaré”. (Lucas, 2:4.)

²² “Não vos inquieteis pelo dia de amanhã (...). Basta a cada dia o seu mal”. (Mateus, 6:34).

Quando se destrói a razão de uma existência humana, quando uma causa final e única cessa de existir, nasce o trágico. Dito de outro modo, há no trágico a explosão do mundo de um homem, de um povo, de uma classe.

O drama trágico de Severino é alegoria do drama humano, porque “o trágico só é possível na obra de arte porque ele é inerente à própria realidade humana” (BORNHEIM, 1975, p.72). Severino está por um fio. Um passo o levará ao suicídio, pois “o trágico é uma situação-limite em que se rompem todas as normas e anula-se a realidade humana” (STAIGER, 1975, p.148).

A fala final de Severino evidencia sua resignação em cumprir a profecia dos coveiros:

Seu José, mestre carpina, / que diferença faria / se em vez de continuar
tomasse a melhor saída: / a de saltar, numa noite, / fora da ponte e da vida ?

O nascimento de Jesus-Severino: festiva epifania

- De sua formosura / deixai-me que diga: / é tão belo como um sim
numa sala negativa.

A fala trágica de Severino é interrompida pela fala de uma mulher que, da porta do mocambo de José, anuncia-lhe que seu filho “saltou para dentro da vida”.

O tempo cronológico fica, miticamente, suspenso e instaura-se um tempo festivo.

Está encaixado o auto de natal; um auto dentro do auto.

O drama trágico do Severino foi interrompido por uma epifania.

O encaixe do auto no momento mais agudo do desespero de Severino dá ao anúncio um peso teológico cristão, que sugere que, para combater o desespero potência máxima, só a esperança em potência ainda maior. A criança nascente, neste caso, não pode ser um menino qualquer nascido no mangue. Seu salto para dentro da vida impediu que Severino desse o salto para dentro da morte.

Quem é este que tem o poder de impedir o desespero se consumir em suicídio ?

Quem é este nascente que traz a esperança para os que lutam pela vida ? Quem é este que converte o drama trágico do humano em celebração ?

O fato do anúncio do nascimento do menino a José, mestre carpina, produzir o efeito de interromper a tragédia revela a extraordinária riqueza do simbolismo deste nascimento. Mais do que representante regional, Severino simboliza o drama humano da busca de vida, de esperança. A resposta ao seu grito de desespero não pode ser interpretada como nascimento de mais um Severino. O símbolo de esperança só vem à tona porque se trata do Auto de Natal. O simbolismo deste nascimento não advém da interpretação de figuras isoladas, mas do encadeamento das figuras de Maria, Zacarias, José, que, alusivamente, remetem aos Evangelhos.

Neste ponto, nossa análise concentra-se na busca dos hipotextos evangélicos dissimulados. Tal tipo de análise justifica-se pela autonomia que o auto de natal constitui e pelo objetivo de demonstrar aqui um palimpsesto, um texto poético-teológico.

Observemos, inicialmente, o prólogo do Auto cabralino.

Auto de Natal Pernambucano

Compadre José, compadre,
Que na relva estais deitado:
Conversais e não sabeis
Que o vosso filho é chegado ?

Estais aí conversando
Em vossa prosa entretida:
Não sabeis que vosso filho
Saltou para dentro da vida ?

Saltou para dentro da vida
Ao dar seu primeiro grito;
E estais aí conversando;
Pois sabeis que ele é nascido.

p.199)

Loa do anjo no Pastoril²³

Pastoras, belas pastoras,
Que na relva estais deitadas
Descansais e não sabeis,
Que a luz do céu é chegada ?

Estais unidas a Morfeu
No gozo da natureza ?
Acordai, se estais dormindo
Vinde ver nossa grandeza.

O desejado das gentes
O Messias prometido,
A nossos pais, tantos séculos,
Pois sabeis que ele é nascido.(COSTA, sd

²³ A Loa dos pastoris da tradição pernambucana remonta os teatros portugueses e espanhóis dos sécs. XVI e XVII. É uma espécie de prólogo de dramas e comédias, cuja finalidade era captar a atenção, simpatia e participação.

Breve comparação entre os dois prólogos deixa entrever que um está dissimulado e transformado no outro. Poder-se-ia projetar análise hipertextual, buscando-se no Auto cabralino a tradição pastoril como hipotexto. Mas como o poema é um palimpsesto de palimpsestos, de modo que vários são os textos subscritos, nesta presente leitura opta-se pela busca de outros hipotextos, os textos do nascimento de Jesus, fundantes da tradição bíblica-cristã dos Evangelhos.

O anúncio do nascimento do menino é a ponte que liga os dois autos conjugados na obra, ou seja, o auto trágico ao auto celebrativo, à peça-mito. Não fosse o salto para dentro da vida em oposição ao salto para fora da vida, os autos estariam completamente separados. Isto porque o auto trágico não tem autonomia, pois precisa do Auto de Natal para completar o sentido. Este, pela possibilidade de deslocar de um para outro contexto, tem certa autonomia.

Destaque-se aqui também que a luta do Carpina, em defesa da vida é entendida como análoga à luta de José, pai de Jesus, quando, fugindo da ameaça de Herodes, procurava um lugar onde o menino Jesus pudesse nascer. Observe-se que o Carpina, enquanto resistia à morte que se apresentava na fala de Severino, intensa e fraternalmente lutava como quem cria numa promessa. De modo que a notícia do nascimento da criança no exato momento do desespero mortal de Severino, não só é resposta aos anseios do Carpina, mas também poder que impede a tragédia, revelando-se como a vitória da vida e da esperança que teimosamente resistia.

As marcas dos hipotextos evangélicos transparecem na figura da mulher que sai do mocambo e, festivamente, faz o anúncio do nascimento do menino, visto que ela encobre a figura do anjo da anunciação de **Mateus** (1:20-21) e de **Lucas** (1:30-31). Em **Mateus**, além do anjo, o anúncio faz-se por meio da estrela do oriente, inserindo, assim, elementos da natureza física como instrumentos da revelação divina. Já em **Lucas**, a

duplicação é dos receptores da anunciação, pois não só a Maria as “boas novas” são anunciadas, mas também aos pastores, o que sugere uma esperança que alcança também trabalhadores marginalizados. No Auto cabralino, conjugam-se as tradições de **Lucas e Mateus**, ampliando ainda mais os agentes da recepção. A análise destes aspectos no palimpsesto cabralino revela: o agente da anunciação não é um ser assexuado nem um astro celeste, mas pessoa humana, mulher, pobre; o anúncio dirige-se a todos os moradores do mangue e o nascimento da criança mostra-se como símbolo de esperança.

Celebração: um hino à vida

O nascimento do menino é anunciado com tanta alegria, que contagia os moradores dos mocambos do mangue, produzindo entre eles um clima de festividade. Contrastivamente, as precárias condições de vida ali existentes realçam a força transformadora operada pelo nascimento. A louvação dos vizinhos, dos amigos e das duas ciganas dá ao nascimento do menino amplitude cósmica, que deixa entrever a louvação dos anjos de Lucas²⁴.

- Todo o céu e a terra / lhe cantam louvor. / Foi por ele que a maré
esta noite não baixou.

O contexto pobre do menino Jesus – “envolto em panos numa pobre manjedoura” (LUCAS 2:7) – é substituído por um mocambo do mangue e os efeitos de solidariedade se estendem à natureza física e à humana, que, irmanadas, reverenciam e louvam o menino. Embora os efeitos pareçam, ironicamente, insignificantes, no contexto de miséria, são extraordinários: “o mau-cheiro da lama não voou” e cada casa se metamorfoseou “num mocambo sedutor”. O “milagroso” se revela no plano da imanência, como uma “encarnação do divino” naquela condição miserável de vida e nas limitações naturais. O rio, por exemplo, “que jamais espelha o céu”, transmuda-se –

²⁴ “Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra; fraternidade entre os homens.” (LUCAS,2:14)

“hoje enfeitou-se de estrelas” - para, alusivamente, mostrar a figura que, numa “revelação natural”, guiou os *magos* ao local onde nasceria Jesus.

A cena, na seqüência, mostra “pessoas” que trazem presentes para o menino.

- Minha pobreza tal é / que não trago presente grande: / (...) que coisa não posso ofertar: / somente o leite que tenho / para meu filho amamentar; (...) / que não tenho presente melhor: / que não tenho presente caro: / (...) que pouco tenho o que dar.

Neste ponto, vê-se como por transparência os dois Evangelhos: a figura dos magos de Mateus e a dos pastores de Lucas. Os magos ofertaram presentes caros²⁵ e os pastores nada tinham para ofertar²⁶. Nos dois casos, na abundância de presentes e na sua falta, temos a alusão ao discurso das posses, representado na alusão à riqueza e à pobreza, respectivamente. Aqui, o Auto de Natal outra vez conjuga as duas tradições evangélicas, ou seja, a riqueza, expressa pelos presentes ofertados pelos magos e a condição de pobreza, expressa na figura dos pastores, transformando-as. Embora no Auto cabralino os presentes caros dos *magos* sejam substituídos por presentes simples e de necessidade imediata, o aspecto de serem presentes de grande valor permanece, pois os presentes, aparentemente sem grande valor, representam o que de melhor as “pessoas” possuem. A grandeza dos presentes, neste caso, é análoga à grandeza da oferta da Viúva²⁷ que deu tudo quanto tinha e à da dádiva do rapaz que ofertou os pães e os peixinhos²⁸ para saciar a fome de uma multidão. A retirada das figuras nobres – *magos* - do cenário do nascimento do menino, não só populariza a celebração natalina, mas também, simbolicamente, exclui a figura dos representantes da classe dos que queriam impedir o nascimento do menino.

²⁵ “Ao verem a estrela, tiveram grande alegria. Entrando na casa, viram o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro incenso e mirra.” (MATEUS,2:10-11).

²⁶ Aqui, percebe-se um aspecto da transformação hipertextual operada entre Lucas e Mateus.

²⁷ “Jesus viu os ricos entregarem suas ofertas; viu também uma pobre viúva dar duas moedas de insignificante valor; e disse: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deu mais do que todos; porque todos deram daquilo que lhes sobrava; mas esta, da sua pobreza, deu tudo o que tinha para o seu sustento.” (LUCAS,21:1-4).

²⁸ “Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isto para tantos?” (JOÃO,6:9).

A fraternidade, conseqüente do nascimento do menino expressa, por pessoas da comunidade é tamanha, que nem a ironia de algumas falas – “mamando leite de lama conservará nosso sangue” - consegue ofuscar o espírito de irmandade gerado.

Na cena seguinte, duas ciganas profetizam o futuro do menino. O aspecto intercultural nas narrativas dos Evangelhos é salientado pela figura dos *magos*²⁹. Mas, na obra cabralina, tal aspecto transparece na figura das “ciganas”, que transforma e encobre a figura dos *magos* do Evangelho de Mateus. Observando a relação estabelecida entre as “ciganas” do Egito e os *magos* do oriente, percebe-se uma diferença e uma identidade. A identidade reside no aspecto intercultural; a diferença reside no tipo de estrato sócio-econômico e no gênero que as ciganas representam. Se por um lado elas são representantes de uma camada social pobre e são mulheres; por outro, os magos, diferentemente, representam uma classe social elevada³⁰ e são homens. Além disto, de um modo bastante peculiar, as ciganas desempenham função análoga à função religiosa do profetismo do anjo de Mateus³¹, visto que o nome do menino é relacionado à sua identidade e missão. Como em Lucas os *magos* de Mateus são substituídos pelos pastores, a relação entre as ciganas e os pastores estabelece dupla identidade e uma diferença. Identidades porque, do mesmo modo que os pastores, as ciganas são pobres e, após verem o menino, saem a anunciar coisas a respeito dele; a diferença é que são mulheres³².

²⁹ Os magos do Oriente representam, no nascimento de Jesus, a presença de membros de uma outra cultura.

³⁰ “Então Herodes chamou secretamente os magos, e deles inquiriu com precisão acerca do tempo em que a estrela aparecera; e enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino; e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore.” (MATEUS, 2:7-8).

³¹ “Ela dará à luz um filho, a quem chamarás JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. Ora, tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta.” (Mateus 1:21-22).

³² Em Lucas, o anjo da anunciação aparece a Maria, mas não a José; em Mateus, o anjo aparece apenas a José.

A primeira cigana profetiza que o menino assumirá plenamente a condição humana (semelhantemente ao que se disse de Jesus³³): será um Severino entre Severinos. Crescerá como crescem todas as crianças do lugar, aprenderá as primeiras as primeiras lições de vida com os anfíbios, com as aves e com outros animais, e será um pescador³⁴ nos mangues.

A segunda cigana anuncia que o menino progredirá. Da lama dos mangues passará à graxa da máquina. A mudança de domicílio revela poderosa potencialidade de melhoria de vida.

- vejo coisa que o trabalho/ talvez até lhe conquiste: / que é mudar-se destes mangues daqui do Capibaribe/ para um mocambo melhor/ nos mangues do Beberibe.

Embora irônica, a mudança simboliza a potência da vida, semente do salto, esperança que, embora severina, abre brecha através da qual se revela o poder que impede que a existência severina seja absolutamente determinada pelas circunstâncias externas adversas.

Na última cena do auto, os vizinhos, amigos, pessoas ampliam a celebração, visto que também trazem seus presentes.

Hino à vida; canto de vitória

Aqui o texto está completamente transformado. Não se vê nitidamente qual texto específico ficou encoberto, mas várias alusões a Jesus podem ser vistas. Isto porque o nome deste menino que salta para dentro da vida, impedindo a tragédia, transformando as relações humanas e trazendo alegria para os pobres, em nenhum momento é mencionado. As indicações mostram que é um Severino, mas os efeitos produzidos pelo seu nascimento revelam que ele não é uma criança qualquer que nasce no mangue,

³³ “Tende em vós aquele sentimento que houve em Cristo Jesus, o qual sendo Deus, esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz..” (Filipenses 2:5-9).

³⁴ A pesca remete, literal e simbolicamente à atividade de Jesus: “eu vos farei pescadores de homens.” (Mateus, 4:19).

como sugeriu Nunes (1974, p.88). As duas partes do canto profético anunciam que o menino é profundamente humano e símbolo da superação da sina severina. Na primeira, sua identidade é apresentada em termos de contraste entre sua visível fragilidade física e sua invisível beleza na potência superadora da condição severina. Na segunda, a sua beleza é apresentada através de imagens que nos remetem ao contexto de adversidade, de elementos em oposição, que salientam poeticamente uma beleza profundamente humana, mas invisível aos olhos da cara.

A descrição começa mostrando que, por trás de sua aparência física franzina, há um potencial profundamente humano latente.

- De sua formosura/ já venho dizer: / é um menino magro, de muito peso não é, / mas tem o peso de homem, / de obra de ventre de mulher.

As descrições a seguir, “pálida”, “guenzo”, “enclenque”, “setemesinha”, indicam o estado doentio e prematuro do menino. Apesar desta frágil condição, o salto qualitativo da vida já se anuncia na belíssima imagem poética das mãos criadoras do que ainda não é³⁵.

mas as mãos que criam coisas/ nas suas já se advinha.

A vida é descrita não só como resistência ao adverso, mas também como vitória. Como o intérprete jamais se aproxima do que diz o texto se não viver na aura do sentido interrogado (RICOEUR, 1978, p.251), não se pode deixar de ver aqui o canto de Maria, exultação por seu filho e canto de vitória do oprimido sobre o opressor³⁶. A criança nascida é força que teimosamente resiste contra as circunstâncias produzidas por estruturas de poder injustas e opressoras.

³⁵ Imagem semelhante é a do grão de mostarda: “O reino de Deus é como um grão de mostarda que, quando se semeia, é a menor de todas as sementes que há na terra; mas, tendo sido semeado, cresce e faz-se a maior de todas as hortaliças e cria grandes ramos, de tal modo que as aves do céu podem aninhar-se à sua sombra.” (MARCOS 4:30-32).

³⁶ “Com o seu braço manifestou poder; dissipou os que eram soberbos em pensamentos e corações; depôs dos tronos os poderosos, e elevou os humildes. Aos famintos encheu de bens, e vazios despediu os ricos.” (Lucas, 1:51-53).

- De sua formosura/ deixai-me que diga: / é belo como o coqueiro que vence
a areia marinha. / (...)/ belo como o avelós / contra o Agreste de cinza.
(...)/ belo como a palmatória / na caatinga sem saliva.

As imagens poéticas são de uma beleza singular. Mas a sugestiva imagem que segue não só retoma a idéia do salto qualitativo, vitória da vida sobre a ameaça de morte, mas também condensa todas as outras imagens de vitória, desdobrando-se ainda nas que seguem.

é tão belo como o sim / numa sala negativa.

Extraordinária, alegre e poderosa epifania !

O novo que ressurge triunfa sobre as trevas que ameaçam a vida, constituindo-se afirmação da vitória sobre o que no velho está morto.

A beleza ressaltada no menino é incomum. É invisível aos olhos físicos. Sua potência se revela na resistência ao adverso.

Belo porque tem de novo / a surpresa da alegria. / Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia. / Infecciona a miséria / com vida nova e sadia.
Com oásis, o deserto, / com ventos, a calmaria.

O rebento é símbolo da esperança que não se deixa afogar nos determinismos externos. O poder que salta dentro e de dentro da vida se nega a ser consumida pelo desespero e morte.

Mas quem é este menino ?

É um Severino palimpsesto de Jesus.

Basta ser a criança nascente num auto de natal, para ser alusivamente Jesus.

A força do símbolo do nascimento produziu um encontro singular. A poesia revelou a potência da esperança como arma de vitória sobre a morte, pois Mas como o cenário do nascimento remeteu aos textos dos evangelhos, atinge-se a dimensão simbólico-teológica. Isto porque a ação trágica que desenvolvida em tensão contínua e progressiva até o clímax, com o encaixe do Auto de Natal, não se consumou em tragédia, mas em celebração e conversão. De modo que foi o nascimento da criança que

não permitiu que a esperança moribunda morresse; que o desespero fatal tragasse a existência severina.

Aqui se engendra nova concepção de esperança, pois o nascimento de Jesus-Severino aponta para uma esperança não contemplativa, mas operativa. Uma esperança que não nos permite reduzir Severino simplesmente à “vítima de um destino cego e fatal, produto de forças adversas e incontroláveis” (NUNES, 1974, p.125). Ouve-se aqui o eco de uma outra fala vitoriosa: “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (II Coríntios 15:55).

Não se trata apenas do nascimento de uma criança, mas da instauração do simbólico, do mito da criança nascente. Nem importa saber se foi essa a intenção do poeta. Importa que através da linguagem o sagrado explodiu por entre a trama das frases, por entre a teia das tradições.

O menino é, portanto, um Jesus-Severino. Encontro de Severino com Jesus; encontro da revelação poética com a teológica.

Explosão da vida: resposta ao convite da esperança

Podeis sempre aprender que o homem,
É sempre a melhor medida.
Mais que a medida do homem
Não é a morte mas a vida.(MELONETO,1999)

O carpina retoma o diálogo com Severino que a tudo apenas assistia, “sem tomar parte em nada”. Mas, desta vez, Severino apenas ouve a fala exortativa de José, mestre carpina. A conversa interrompida com o anúncio do nascimento do menino deixara a interrogação de Severino no ar. Como o salto para dentro da vida triunfou sobre a ameaça do salto para dentro da morte, é deste ponto que o Carpina retoma a prosa, convidando Severino à reflexão.

Este degrau hermenêutico acompanha a estrutura da obra, pois a fala do Carpina é uma verdadeira aplicação da lição aprendida com o evento e a significação da vida nascida. Severino, que retirara cheio de esperança, mas encontrara só morte em seu caminho, desespera em face de sua impotência e sua descrença. O encontro do Carpina com Severino e a interrupção do salto da morte pelo da vida deixa a lição de que a vida é, necessariamente, defendida com palavras, mas que estas, isoladamente, revelam-se impotentes para dar conta da complexa e profunda natureza da existência humana. José, que tentara defender a vida apenas com palavras, aprende, agora, que, mais do que um discurso bem elaborado, a resposta à questão do sentido da vida encontra sua mais potente expressão no simbolismo daquela bem-aventurada epifania. A criança nascida é a encarnação da palavra de vida que estava latente na fala do Carpina e a resposta ao convite da esperança implícita no desespero³⁷ de Severino (KIERKEGAARD, 1980, pp.232-233). Naquele nascimento, o verbo se fez carne e habitou não só naquele mocambo do mangue, mas também em toda aquela comunidade, trazendo “novas de grande alegria” (LUCAS, 2:10), gerando um espírito solidário e fraterno³⁸ em todos, à semelhança do que ocorreu no nascimento de Jesus. A potência se fez ato, para, teimosamente, prosseguir sendo potência, em contínua sucessão alternante.

- Severino, retirante, /deixe agora que lhe diga: / eu não sei bem a resposta da pergunta que fazia, / se não vale mais saltar / fora da ponte e da vida; nem conheço essa resposta, / se quer mesmo que lhe diga. / É difícil defender, só com palavras, a vida, / ainda mais quando ela é / esta que vê, severina; mas se responder não pude / à pergunta que fazia, / ela, a vida, a respondeu com sua presença viva.

José está contagiado pelo entusiasmo e pelo espírito fraterno instaurado com aquela nova vida severina nascida. Por isso, sente-se ainda mais convicto, pois testemunha que “enquanto um homem permanece entre os vivos, há esperança”

³⁷ Em Kierkegaard, esperança e desespero são termos dialéticos. Severino desesperado está num ponto-limite. Basta que ele tome consciência de uma abertura, para que se inverta o seu desespero-fraqueza em desespero-desafio.

³⁸ “...apareceu junto ao anjo grande multidão celestial, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, paz na terra, fraternidade entre os homens.” (LUCAS, 2:13-14).

(ECLESIASTES, 9:4). E, desta vez, o Carpina não se prende mais aos detalhes na construção do argumento de sua exortação, mas apenas aponta para a potência criada pela nova vida explodida.

E não há melhor resposta / que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio, / que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma, / teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco / em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena / a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão / como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão / de uma vida severina.

Discurso teológico de eloqüência singular!

A “nova vida explodida” é uma metáfora-símbolo na qual toda obra está condensada. Ela aponta para a potência que se enraíza nas profundezas do ser humano, para o inverso do desespero que motiva o salto da morte e é, ao mesmo tempo, a consequência e a potência do salto da vida. A “nova vida explodida” remete para além da linguagem e de sua realização textual, ao mundo da obra, à responsabilidade ética, revelando, como magistralmente observou Nunes (1974, p.89), a esperança de que a implosão da vida Severina poderá transformar-se em explosão. Isto porque, embora a condição Severina seja determinada de fora para dentro, a possibilidade da vida explodida é o testemunho do caráter não permanente da severinidade.

A nova vida nascida, pequena, franzina, severina, resistindo à ameaça da “morte Severina”, que ataca “em qualquer idade, e até gente não nascida,” teimosamente se fabricou, dando um salto para dentro da vida, constituindo-se “nova vida explodida”, semente de um novo salto, potência da afirmação de um “sim numa sala negativa”, amostra de que “a experiência da condição Severina é a experiência de seu possível ultrapassamento” (Nunes, 1974,p.88).

O título e o subtítulo da obra sugeriram que os textos dos Evangelhos de Mateus e Lucas estariam subscritos, como num palimpsesto. A auto-apresentação de Severino

mostrou que são muitos Severinos e que, nesta multiplicidade, estaria uma possível identidade entre Severino e João, o batista; entre Severino e Jesus de Nazaré.

Severino é, portanto, um tipo de João, pois vai conduzindo o leitor até Jesus, mas também é o menino que nasce para a redenção dele mesmo e de outros tantos Severinos. A viagem de Severino pode ser entendida, portanto, como uma alegoria do drama humano. O drama dos que, cheios de esperança, buscam uma vida mais digna, mais plena, mas sempre esbarram nos agentes da opressão e da morte. Assim compreendido, o caráter trágico da narrativa tem o efeito de intensificar o símbolo do nascimento da criança e o encaixe do Auto de Natal deixa entrever que os textos dos Evangelhos estão não apenas refletidos, mas refratados, transformados, de modo que transparecem apenas alusivamente.

O anúncio do nascimento no poema cabralino, identicamente aos Evangelhos, dirige-se aos pobres. Os elementos mitológicos como o anjo e a concepção espiritual de Maria são substituídos por elementos humanos: uma mulher anuncia a José que seu filho nasceu. A revelação aqui é natural, humana, e aponta para uma esperança operativa. Essa esperança, pelo caráter operativo e construtivo, reúne as dimensões política e teológica e funde-as, no sentido de Fromm (1980, p.24): “O objetivo da esperança não é senão uma vida mais plena, um estado de maior vivência, uma libertação do enfado eterno, ou, para usar um termo teológico, a salvação, ou, um termo político, revolução.” Esperança que não se constrói sem sofrimentos, cujo espírito reside também na poesia hebraica: “Os que semeiam em lágrimas, com cânticos de júbilo segarão. Aquele que sai chorando, levando a semente para semear, voltará com cânticos de júbilo, trazendo consigo os seus molhos.” (SALMOS 126:5-6).

A intensidade da ação dramática sobrevalorizou o nascimento do menino, dando-lhe peso teológico. A alusão a Jesus reforçou os símbolos da comunhão

espiritual, à semelhança do que ocorre em toda peça-mito, mesmo na vertente mais secularizada, como diz Frye (1973, p.278). Com o evento do nascimento, teimosamente, na moldura do cenário nordestino, teceu-se um fio que produziu algo comparável ao que Eliade (1977, p.11) chama de “Irrupção do sagrado”.

O poético-teológico no nascimento de Jesus-severino transforma o sentido da esperança. Diferente de esperança simbolizada pelo nascimento de Isaque, esperança de prosperidade para todas as subseqüentes gerações ou da esperança que aponta apenas para além desta vida. Trata-se de esperança pequenina, que compra a vida a retalho e, teimosamente, impulsiona a vida a se fabricar a cada dia. A esperança-semente da “nova vida explodida” é abertura do ser; é potência que testemunha que a vida não está condenada ao drama trágico, que ela pode se tornar espetáculo festivo e solidário.

Percebe-se nesta leitura o palimpsesto cabralino.

Somos palimpsestos,
escritura sobre escritura,
esquecidas, apagadas,
mas indelevelmente gravadas
no tecido prontas a ressurgir,
se a encantação correta for feita. (Rubem Alves)

Pode-se afirmar que o hipertexto passa por processos de transformação que se apresentam como ampliação, redução ou substituição, podendo, numa mesma passagem, acumularem-se os três (GENETTE, 1982, pp.12-14). No palimpsesto revelado no Auto de Natal Pernambucano apresenta-se um exemplo dessa acumulação transformativa, identificada aqui como um fazer teológico heterodoxo, como reescritura poético-teológica.

Uma leitura entre duas margens

No estágio das relações interdisciplinares, podemos esperar o aparecimento de um estágio superior que seria transdisciplinar, que não se contentaria em atingir as interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria essas ligações no interior de um sistema total sem fronteiras estáveis entre as disciplinas (PIAGET apud WEIL, 1993, p.30).

A reflexão até agora empreendida mostrou que, mais do que um encontro, trata-se, antes, de um reencontro. Isto porque teologia e poesia nasceram no mesmo berço, cresceram nos mesmos espaços sagrados e, num certo momento, foram expulsas por um mesmo decreto (JAEGER, 1986, pp.673-674)³⁹.

O método de leitura utilizado nesta obra de João Cabral, além de poder ser utilizado como ponte capaz de reconhecer as relações interdiscursivas e hipertextuais com a teologia, pode também ser caminho para desvendar outras pontes, outras possíveis relações, entre as quais com os textos históricos, filosóficos, sociológicos, entre outros. Por isso, mais do que um encontro interdiscursivo e transtextual, estabelece-se uma relação inter e transdisciplinar.

Uma ponte tecida com linguagem

Deus é símbolo que marca uma proibição de falar.
Onde ele se diz, estabelece-se um grande silêncio.
E sobre ele surgem as metáforas,
Que é um jeito de dizer o que não pode ser dito. (ALVES, 1987, p.13).

O homem é um ser que se diz na linguagem e, portanto, diz sua experiência enquanto *ser-no-mundo*. E, como a religião faz parte da experiência universal do homem, é através dos textos, dos símbolos e dos signos, da linguagem, enfim, que o homem também diz e interpreta sua experiência com o sagrado. Como o sagrado é uma experiência simbólica e a poesia traz à linguagem formas do homem experimentar o real que a linguagem comum normalmente oculta, é através da linguagem poética que, por excelência, o ser humano traz à linguagem o símbolo. A rede simbólica na qual ficam depositadas as experiências profundas do ser humano, entre as quais a experiência religiosa, apenas encontra a expressão mais potente na poesia porque a “metáfora é a

³⁹ Platão sustenta a superioridade da filosofia sobre a poesia e distingue: a filosofia conhece a verdade e trata da essência das coisas; enquanto a poesia é teologia, desconhece a verdade e apenas cria ídolos. Não há lugar, portanto, nem para poetas nem para teólogos em sua República.

superfície lingüística dos símbolos”. (RICOEUR, 1995, p.115). A metáfora-obra **Morte e Vida Severina** é uma daquelas metáforas profundas. Daquelas que, na medida em que “chega à estrutura valorativa do ser, produz sentido e significação, levando o humano a discernir e a se comprometer de tal modo, que todo o seu ser é afetado, determinando o seu agir e seu existir.” (SEGUNDO, 1995, p.191).

Da obra poético-teológica de João Cabral, pode-se dizer que, nela, beleza e verdade se uniram na metáfora-obra, por um lado, para buscar um “tempo perdido”⁴⁰, como sugeriu Proust (apud GENETTE, 1972, p.43), por outro, para desvelar os possíveis humanos da vida que se alimenta da esperança, para alusivamente revelar a figura de Jesus na criança nascente, testemunhando com Adélia (1996, p.20) que “a poesia é exatamente o rastro de Deus nas coisas”.

O palimpsesto revelou possíveis mundos da obra: a esperança de que a vida guarda sempre uma semente-salto; a esperança de que cada “nova vida explodida” será, de novo, potência de uma nova explosão; a esperança de que a vida resiste e insiste, apesar das condições adversas; a esperança que alimenta o último fio da vida, impulsionando-a, teimosamente, a se fabricar.

Os muitos Severinos de mesma espécie de vida diferem, uns dos outros, pelas diferentes consciências que possuem em relação a essa mesma espécie de vida. Depois desta experiência, Severino poderia retornar a sua terra. Se tivesse aprendido essa lição antes, talvez nem precisasse fugir. Resistiria teimosamente com outros severinos contra os poderes opressores e organizaria uma revolução social, plantando sementes, sendo semente e adubo, flor e fruto.

Diálogo entre os textos, entre as disciplinas; ponte tecida com a linguagem poética. Obra-metáfora que, por excelência, opera a mímeses, assimila e traduz o

⁴⁰ O tempo perdido, para Proust, é mais do que um mero passado, mas o tempo no estado puro, numa fusão de um instante presente e de um instante passado, o contrário do tempo que passa: o extratemporal, a eternidade.

símbolo, afeta o “ser-no-mundo”, desdobrando diante dele um possível mundo e um possível “modo-de-estar-no-mundo”.

REFERÊNCIAS

- A Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 1995.
- BARBOSA, João A. **As Ilusões da Modernidade.** São Paulo: Perspectiva, 1986.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luiz (Org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade:** Em torno de Bakhtin. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1999.
- BORGES, Jorge Luis. **A Muralha e os livros.** Rio de Janeiro: Sabiá, s.d.
- BORNHEIM, Gerd. A. **Breves observações sobre o sentido e a evolução do trágico.** In: ---. **O sentido e a máscara.** São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso.** Campinas-SP: UNICAMP, 1995.
- CASSIRER, Ernst. **Antropologia Filosófica.** São Paulo, ed. Mestre Jou, 1979.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões.** Lisboa: Cosmos, 1977.
- FROMM, Erich. **A Linguagem Esquecida:** Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestes.** La littérature au second degré. Paris: Éditions du Seuil, 1982.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso.** Campinas: Pontes & Editora da Unicamp, 1989
- MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina.** Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1982.
- NUNES, Benedito. **João Cabral de Melo Neto.** Petrópolis: Vozes, 1974.
- PRADO Coelho, Eduardo. **Os Universos da Crítica.** Lisboa: Edições 70, 1982.
- QUINTÁS, Alfonso Lopes. **Como Formarse em ética a traves de la literatura:** Analisis estético de obras literárias. Madrid: Ediciones RIALP, 1994.
- RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva.** São Paulo: Loyola, 2000.
- RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação.** Porto: Porto Editora, 1995.
- SEGUNDO, Juan Luis. **O Homem de Hoje Diante de Jesus de Nazaré.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1985, (Vol.I).
- SILVA, Eli Brandão. **...e o divino se faz verbo: conjunções entre símbolo e metáfora.** In: Estudos de Religião 29. São Paulo: Umesp, 2005.
- STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.